

A política da psicanálise e o corpo



A política da psicanálise e o corpo

ANO XVI - NÚMERO 17 - DEZEMBRO 2018
ANO XVII - NÚMERO 18 - JUNHO 2019



SUMÁRIO

Editorial
Vera Pollo

CARTEL E PASSE

Testemunho do passe
Marcelo Mazzuca

No more bricks on the wall! O cartel e a letra
Luis Achilles Rodrigues Furtado

A política do dispositivo do passe e o tempo de designação de um passador
Joseane Garcia

A Política e a Psicanálise: de que endereçamento se trata?
Agnes Meneguelli

Verdade, ou fato ou *fake*: Verdade, irmã de gozo e o *Tractatus Lógico-Philosophicus*
Rosanne Grippi

A POLÍTICA DA PSICANÁLISE EM INSTITUIÇÕES E DISPOSITIVOS PÚBLICOS

Lugar de fala
Carol Leão

Uma política da psicanálise dos assuntos públicos?
Dyhalma N. Ávila-López

Política, um tonel das Danaides, uma discordância sem fim
Silvana Pessoa

Narcisismo e violência contra jovens negros e pobres no Brasil
Kátia Sento Sé Mello

Psicanálise e atenção psicossocial: sobre instituir espaços de escuta no Sertão
Camilla Araújo Lopes Vieira

O saber e a transferência na clínica psicanalítica
Luciana da Conceição Guerrão

CORPO E CLÍNICA

O suporte é o corpo
Vera Pollo

Corpos em sacrifício
Alba Abreu Lima

Corpo a corpo – Clariceando Lacan
Gonçalo Moraes Galvão

Ressonâncias do significante no corpo
Raquel Puga

RESENHA

O inconsciente teatral: do divã ao palco
Cinara Santos

O presente número de Folhetim reúne trabalhos apresentados em diferentes momentos e lugares em que ocorreram nossas atividades de Escola no decorrer de 2019: Jornadas locais de Fóruns do Campo Lacaniano; Encontro nacional da Escola dos Fóruns em Aracaju, Simpósio interamericano da Internacional dos Fóruns, em Pereira, na Colômbia. Mas, não só. Há também alguns textos, que tiveram inicialmente outros destinos, e dentre eles se destaca o “Testemunho do passe”, de Marcelo Mazzuca, com o qual abrimos este volume. Ao final, a Resenha do livro “O inconsciente teatral”, de Antonio Quinet, redigida por Cinara Santos, fecha a revista com chave de ouro.

Ele é, por isso, um número duplo, 17-18, com um tema bastante abrangente: A política da psicanálise e o corpo. Optamos por dividi-lo em três seções assim nomeadas: Cartel e Passe; A Política da Psicanálise nas Instituições e Dispositivos Públicos; Corpo e Clínica. Em seu artigo testemunhal, o primeiro deste volume, Mazzuca elabora principalmente sua experiência como membro do cartel do passe e as consequências do dispositivo na Escola como um todo. Indaga se o passe não tem justamente a estrutura de um “ato falho”, descreve o que denominou de “empuxo-ao-passe no Brasil” e levanta a hipótese de que é possível construir uma “clínica do passador”, mas não uma “clínica do passante”.

Na primeira seção, Luis Achilles nos brinda – o termo é este mesmo: um brinde – com um trabalho sobre o cartel. Não sem passar pelo *rock*, uma de suas paixões. Ao final, entendemos claramente por que seu texto foi intitulado *No more bricks on the wall*, pois: “Longe de colocar tijolos nas paredes, produzindo um castelo ou fortificação militar, religiosa e/ou narcísica, o cartel delinea o litoral que admite a faixa transitória entre a maleabilidade da linguagem e a dureza do real.” Desnecessário dizer que seu texto percorre detalhadamente o conceito e a etimologia do cartel, assim como o conceito lacaniano de letra, tão tardio quanto difícil.

Joseane Garcia relata sua experiência de alguém que foi sorteado para trabalhar como passador, mas não chegou a fazê-lo, por já ter terminado sua análise. Percorre textos de Lacan e de colegas da nossa Escola, e acaba propondo que se volte a discutir o prazo estipulado para alguém funcionar como passador. Ela defende a ideia de que esse tempo poderia estender-se um pouco além do fim da análise, e termina subscrevendo o termo cunhado por Fingermann, qual seja, o “passador lógico”.

Agnes Meneguelli encontra três dimensões da política na obra de Freud, por ela nomeadas como: a dimensão psíquica na política; a dimensão política no psiquismo; a

dimensão política na técnica psicanalítica. Em seguida, indaga ousadamente qual teria sido o desejo de Lacan ao transitar entre a afirmação de que “o inconsciente é político” e a de que “o bom psicanalista é o político.” Seu texto lança questões realmente fundamentais e conclui na importância de se distinguir as duas modalidades do Um, da classe e da singularidade, ou, conforme suas palavras, Um simbólico e Um real. Suas consequências são diversas.

Rosanne Grippi se propõe a nada mais, nada menos, do que responder a um desafio feito por Lacan no Seminário 17: que nos dispuséssemos a ler o “Tratado lógico-filosófico” de Wittgenstein. Com esse intuito, ela aborda o tema da verdade e aponta diferenças entre a verdade na lógica proposicional e na experiência do real de uma análise.

A seção intitulada “A Política da Psicanálise nas Instituições e Dispositivos Públicos” tem início com o trabalho de Carol Leão sobre “Lugar de fala”. Partindo da observação de que se passa moebianamente, portanto, imperceptivelmente, da “psicanálise em direção à política” para “a política em direção à psicanálise”, Carol indaga sucessivamente o lugar de fala nas dimensões do imaginário, do simbólico e do real. Além de esclarecer a “sutileza da micropolítica da norma”, pela qual se explicam, entre tantas outras, a fala do colonizado que “pensa” com a cabeça do colonizador, seu texto salienta que as formulações sobre o lugar da fala nos levam a indagar também se nossas elaborações teóricas não estão livres de enquadres normativos.

“Uma política da psicanálise dos assuntos públicos?” Eis a indagação de que parte Dyhalma Ávila-López para discorrer sobre a situação histórica e política de seu país durante os últimos anos, começando pela devastação gerada pelo furacão que assolou Porto Rico em 2017. Seu texto relata eventos tão ou mais devastadores ainda, ocasionados pela ganância de um governo corrupto, misógeno e assassino, e culminando nos movimentos de massa que, em 2019, exigiram e tiveram êxito na deposição do chefe de Estado. Em seguida, Dyhalma menciona o ato do Fórum do Campo Lacaniano de Porto Rico de publicar um manifesto exigindo a renúncia do governador, em nome da clínica psicanalítica e de suas consequências éticas. Embora tenhamos um consenso, na Escola dos Fóruns, acerca das relações analista-analisando, o mesmo não acontece quando se trata de pensar em que circunstâncias um psicanalista pode e/ou deve posicionar-se como cidadão. Seu texto me deixou com a impressão de que Dyhalma lamentava ter constatado tal ausência de consenso, pois, em contrapartida, ao final, ela afirma apostar no consenso de todos os psicanalistas a favor da democracia. Para nós, que vimos acompanhando a situação política do Brasil nestes últimos anos, com todos os atos de desconstrução e desmando de um governo de extrema-direita, é assustadora a semelhança destes com os eventos narrados por Dyhalma. Contudo, se

enfataremos os resultados obtidos pelas manifestações de massa em Porto Rico, quiçá tal semelhança possa vir a ser transmissora de algum otimismo.

Na continuidade dos textos que indagam a articulação entre política e psicanálise, Silvana Pessoa defende o argumento de que a política, como o tonel das Danaides, é sempre produtora de discordâncias. Segundo ela, este teria sido um motivo importante para que colegas do Fórum de São Paulo decidissem dar uma volta a mais em seus estudos topológicos e indagar “o psicanalista na política”. Estudo que, a seu ver, irá ajudar o psicanalista a lidar com as vicissitudes da política e a apostar na “igualdade na diversidade”. A intolerância à diversidade, com suas consequências de racismo e segregação, é também o tema do artigo de Kátia Mello, do Fórum Rio. Seu objetivo é elaborar uma possível contribuição da psicanálise no esclarecimento da violência dirigida aos jovens negros e pobres, moradores das favelas do Rio de Janeiro. Os dados estatísticos relativos a assassinatos e homicídios desvelam uma crueldade ímpar, devendo ser interpretados não tanto como uma “guerra”, pois são, mais precisamente, um “genocídio”. Seu artigo é ilustrado por algumas fotos que a levam a indagar, entre outras coisas, a razão pela qual um policial negro pode ser tão violento com um jovem negro. O conceito freudiano de “narcisismo da pequena diferença” se mostra, nesse caso, bastante profícuo.

Camilla Lopes Vieira elabora sua experiência como supervisora clínico-institucional em uma CAPS do município de Sobral, no Ceará. Em seus termos, os textos de Lacan permitem uma reflexão necessária sobre o modelo de atenção à loucura que padroniza os sujeitos, especializa os saberes e reafirma o discurso médico em que o outro é sempre aquele que precisa de cuidados, não de autonomia. Luciana Guerrão também aborda sua experiência prévia em ambulatório de Saúde Mental, onde ela, assim como Camilla, aceitou o desafio de sustentar a função de psicanalista em uma instituição pública. Sua questão é focada precisamente no saber: que saber é desejável à prática e à sustentação da psicanálise em extensão

A terceira e última seção, “Corpo e Clínica”, tem início em um texto de minha autoria, intitulado “O suporte é o corpo”. Nele, procuro trazer as análises políticas de alguns intelectuais contemporâneos, em sua maioria professores universitários das áreas da filosofia e da história, cujas obras escritas e conferências já alcançam renome mundial. Assinalo a proximidade das suas análises com alguns conceitos e observações de Freud e de Lacan. Recorro brevemente à linguística, para entender as assim chamadas *Fake News* e procuro indagar o que pode um psicanalista em tempos de barbárie. No texto que vem a seguir, Alba Abreu Lima aborda a constituição do corpo do falasser e se debruça sobre o filme “O caso do

cervo sagrado”. Ela o interpreta como uma versão contemporânea da tragédia de Eurípedes “Ifigênia em Áulides”, a qual demonstra como o gozo do pai passa de uma a outra geração, produzindo, quando não elucidado, “corpos em sacrifício”. Gonçalo Galvão realiza uma reflexão sobre o corpo, a partir do conto de Clarice Lispector, intitulado justamente “O Corpo”. Um artigo, muito bem vindo neste ano em que se comemora o centenário de nascimento dessa importante jornalista e escritora brasileira, nascida na Ucrânia, mas que emigrou na companhia dos pais ainda na primeira infância. Premiada e traduzida em várias línguas, seus livros já deram origem a belos filmes, em particular “A hora da estrela”. Sua obra é, indubitavelmente, um rico testemunho do que Freud e Lacan enfatizaram como “um saber fazer com o próprio inconsciente”, que, por vezes, prepara e antecipa o saber psicanalítico. “A paixão segundo G H” é um livro simplesmente inesquecível.

O último texto desta seção, “Ressonâncias do significante no corpo”, escrito por Raquel Puga, tem como eixo condutor o recorte da análise de um menino de cinco anos e lhe permite demonstrar de que modo a introdução de um significante - qualquer um, mas não um qualquer, pois tem a ver com a singularidade do sujeito - faz corte na continuidade do gozo obscuro e invasivo da criança. A autora demonstra também uma fineza clínica que faz do texto um verdadeiro aprendizado.

Disse que temos um brinde no início deste volume, com o rigor e a leveza do trabalho de Achilles sobre o cartel. Ora, temos também um brinde ao final, com a Resenha de Cinara Santos do livro recentemente lançado por Antonio Quinet, “O Inconsciente teatral – psicanálise e teatro: homologias”. Como Cinara acentua, ele pode ser a porta de entrada na psicanálise do leigo que se dispuser a lê-lo, ou o texto que faltava na biblioteca do psicanalista, junto às obras de Freud e de Lacan. Ao articular psicanálise e teatro, sua linguagem é clara e rigorosa, autobiográfica e conceitual. Eu quase diria, seguindo a orientação da autora da Resenha, que o livro é simultaneamente singular e universal, porque desvela as memórias do autor, mas toca no inconsciente do leitor.

Vamos à leitura!

Vera Pollo